



Coordenação de Graduação

#OrgulhoFEN

Curso de Enfermagem da UFG está entre os melhores do Brasil no RUF 2025

Graduação alinhada as melhores práticas de formação universitária em saúde no país

O curso de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás foi reconhecido entre os 20 melhores do país no Ranking Universitário Folha (RUF) 2025, que avalia instituições de ensino superior em critérios como ensino, pesquisa, mercado e inovação.

O resultado reforça a qualidade da formação oferecida pela Faculdade de Enfermagem da UFG, que se destaca pelo corpo docente altamente qualificado, infraestrutura de ensino e integração com o Sistema Único de Saúde (SUS).

Para a unidade, o reconhecimento evidencia o compromisso com uma formação de excelência, voltada à ciência, ao cuidado e à transformação social. O bom desempenho também consolida a UFCG como uma das universidades mais bem avaliadas do Brasil, ocupando a 13º posição. Orgulho!

FEN participa do 22º Conpeex com ações de promoção à saúde e integração com a comunidade

Atividades do evento reforçaram o compromisso da unidade com a formação qualificada e o cuidado humanizado

#FENPresente



No mês de novembro foi realizado o 22º Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão (Conpeex) da Universidade Federal de Goiás (UFG), entre os dias 4 e 7 de novembro. O evento acadêmico, considerado um dos maiores da instituição, tem como objetivo divulgar à sociedade os projetos e produções desenvolvidos nas unidades acadêmicas, fortalecendo o diálogo entre universidade e comunidade.

A Faculdade de Enfermagem (FEN/UFG) esteve presente de forma ativa ao longo da programação, com a apresentação de trabalhos de iniciação científica, relatos de experiências em estágios supervisionados, projetos de extensão, entre outras atividades, evidenciando a pluralidade de ações desenvolvidas e o compromisso da unidade com a formação acadêmica.

e a inserção dos estudantes na prática em saúde.

Thaís Almeida, estudante do 8º período, apresentou sua pesquisa de iniciação científica sobre a prevenção ocular na hanseníase em Goiás e destacou a importância dessa vivência: “Esse é um momento muito feliz e enriquecedor para mim, porque sinto que é a oportunidade de devolver para a sociedade aquilo que construímos aqui na universidade. Fazer pesquisa, com certeza, contribui para que eu me torne uma boa profissional, alinhada às práticas baseadas em evidências e a um cuidado que caminha junto com a ciência.”

Espaço Saúde



A FEN atuou de forma expressiva no Espaço Saúde, área destinada à promoção do cuidado, à orientação em saúde e ao bem-estar. Nesse espaço, docentes e estudantes desenvolveram atividades educativas sobre primeiros socorros e atendimento em saúde, além de práticas integrativas, como a massagem terapêutica Tuiná e auriculoterapia. Também foram realizados atendimentos voltados à

promoção da saúde e à prevenção de agravos, reforçando a importância do cuidado contínuo, humanizado e fundamentado em evidências científicas.

A aluna Brenda Franqueta, do 4º período, estava no stand como integrante da Liga de Urgência, Trauma e Emergência (LUTE) e destaca a importância da vivência para sua formação acadêmica. Segundo ela, “este é um congresso muito grande e de grande importância para a nossa formação. São muitas experiências, tanto de pesquisa quanto de extensão, que é o foco da nossa liga. Aqui, estamos ensinando um pouco de primeiros socorros, como manejo de sangramento nasal, parada cardiorrespiratória e engasgo. Essa troca é muito enriquecedora, porque aprendemos ao mesmo tempo em que levamos conhecimento para a população.”

Um dos destaques da participação da unidade no evento foi a Sala de Vacinação, organizada em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, que permaneceu em funcionamento durante todos os dias do Conpeex. No espaço, foram oferecidas vacinas do calendário adulto, além de imunizantes de campanhas, como Covid-19 e Influenza, reforçando a importância da vacinação como estratégia essencial de saúde pública. Ao todo, foram aplicadas 294 doses, sendo a maior procura pela vacina da Influenza, com 159 aplicações registradas.

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

#PósGraduaçãoFEN

Edital Publicado

Processo Seletivo Mestrado e Doutorado PPGENFS 2026



Publicado o Edital de seleção para ingresso nos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGENFS), referência na formação científica e no desenvolvimento de pesquisas voltadas às necessidades em saúde da população.

Se você deseja avançar na carreira acadêmica, ampliar sua capacidade investigativa e contribuir para a transformação da realidade em saúde, essa é a sua oportunidade!

Inscrições de 02 a 18 de janeiro de 2026.

[Acesse aqui a publicação do Edital.](#)

Revista Eletrônica de Enfermagem

#Pesquisa #ReeUFG

Série Entrevista -
Patrícia Tavares dos Santos

Editora associada da Revista Eletrônica de Enfermagem



A docente é uma das vozes que integram, com rigor e sensibilidade acadêmica, o corpo editorial da Revista Eletrônica de Enfermagem (REE). Doutora e mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da USP, Patricia atua como professora adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFG, na área de Administração, onde também desenvolve atividades de ensino, pesquisa e orientação em diferentes níveis de formação.

Com uma trajetória marcada pela dedicação à educação em saúde, à

avaliação de processos formativos e à gestão em enfermagem, integra comissões institucionais estratégicas, como a de revalidação de diplomas, e participa do Núcleo de Estudos de Enfermagem em Gestão de Instituições de Saúde e Segurança do Paciente (NEGISP). Recentemente, finalizou estágio pós-doutoral na Escola Paulista de Enfermagem da UNIFESP, aprofundando pesquisas sobre ensino de liderança e simulação.

Sua inserção na REE (periódico de acesso livre, com fluxo contínuo e referência nacional e internacional na divulgação científica em enfermagem) fortalece ainda mais a missão da revista de disseminar conhecimento qualificado voltado à saúde, ao bem-estar e ao desenvolvimento social. Como Editora Associada, Patricia atua na interface entre ciência, prática profissional e formação acadêmica, contribuindo para manter o alto padrão de qualidade que caracteriza a revista e ampliando o alcance e a relevância da produção científica da área.

Professora, antes de falarmos sobre a Revista Eletrônica de Enfermagem, gostaríamos de voltar um pouco no tempo. Quando e como começou sua relação com a revista? Você lembra qual foi o primeiro trabalho que publicou ou produziu para ela?

O primeiro trabalho que publiquei na REE, se não me falha a memória, foi um artigo resultante de um recorte da minha pesquisa de doutorado. Na época, eu havia realizado uma avaliação de uma formação voltada para gerentes de hospitais de urgência e analisei as ações que eles implementaram relacionadas à

segurança do paciente. Fizemos esse recorte e ele acabou sendo publicado pela REE — e foi assim que começou minha relação mais direta com a revista.

De lá para cá, já estou na REE há cerca de seis anos, descontando um período de licença. Sempre procurei me manter à disposição da revista, seja como autora, parecerista ou editora. Não sei dizer exatamente quantos manuscritos já passaram por mim em cada uma dessas funções, mas, entre todos eles, o primeiro artigo que participei do processo de editoração foi o mais marcante, pois foi o momento em que comecei a compreender verdadeiramente como funciona o processo editorial: quais artigos seguem no fluxo, como avaliar o alinhamento ao escopo da revista, identificar o potencial de publicação, lidar com o sistema e entender o diálogo com os autores.

Nesse início, contei muito com o apoio de outras editoras e da editora executiva. Esse suporte foi fundamental para meu alinhamento com o trabalho e para entender, na prática, o que se espera de uma editora associada. Esse aprendizado marcou minha trajetória dentro da REE e segue comigo até hoje.

Como tem sido, para você, a experiência de atuar como Editora Associada? Quais são os principais aprendizados e desafios que essa função trouxe, considerando sua formação e experiência na área de Administração em Enfermagem?

A experiência de atuar como editora associada tem sido riquíssima para mim. São muitos aprendizados, especialmente no que diz respeito às

constantes atualizações que essa função exige. Ao participar do processo de editoração, entro em contato com temas novos e, muitas vezes, com novas formas de abordar questões que envolvem a enfermagem e, no meu caso específico, a gestão. Cada artigo que assumo na editoria se torna uma oportunidade de atualização e de aprofundamento, porque me permite compreender como aquele tema dialoga com outras produções nacionais e internacionais.

Outro aprendizado importante tem sido a elaboração de pareceres que realmente contribuem para que os autores aprimorem seus manuscritos. Tanto quando sou solicitada a emitir um parecer quanto quando estou acompanhando um processo editorial e leio os pareceres de outros colegas, percebo o quanto essa troca é enriquecedora. Observar como diferentes pareceristas constroem suas análises e oferecem elementos para o avanço das pesquisas é uma das partes mais prazerosas deste trabalho. É um processo contínuo de aprendizado, de refinamento e de crescimento dentro da editoração científica.

Um desafio que considero bastante relevante nessa função é manter os prazos estabelecidos para o fluxo editorial. Muitas vezes, a dificuldade está em encontrar pareceristas disponíveis para analisar os manuscritos. Como esse é um trabalho voluntário, ele precisa ser acomodado nas agendas dos colegas, e isso gera situações diversas: recusas, pedidos de prazos maiores ou, às vezes, simplesmente a ausência de resposta. Consequentemente, nem

sempre conseguimos cumprir os tempos previstos.

Esse não é um problema exclusivo da REE, é algo que afeta muitos periódicos exatamente por conta da natureza voluntária desse trabalho. Dependemos não apenas do desejo de colaboração dos pareceristas, mas também da sua disponibilidade no momento, porque a análise de um manuscrito exige cuidado, critério e tempo. Elaborar um parecer não é um processo rápido, e isso acaba se refletindo nos desafios que enfrentamos no cotidiano da editoria.

O trabalho editorial envolve desde a análise técnica até o acompanhamento do processo de revisão. Quais aspectos desse processo você mais valoriza ou considera fundamentais para garantir a qualidade científica da revista?

Quando penso no que mais valorizo no trabalho editorial e no que considero fundamental para garantir a qualidade científica da revista, destacaria principalmente a escolha dos pareceristas. Para mim, é essencial designar avaliadores que realmente tenham expertise na área do manuscrito, porque isso faz toda a diferença na capacidade de identificar pontos fortes, aspectos que podem ser aprimorados e elementos que merecem maior destaque. Pareceres bem elaborados contribuem diretamente para a qualidade final dos artigos.

Também considero fundamental o retorno dado aos autores, tanto quando se encaminham sugestões de melhoria quanto nos casos de

recusa. Um parecer claro, que expõe os pontos que precisam ser revistos, permite que os autores compreendam exatamente o que pode ser aprimorado — seja para seguir no nosso processo editorial, seja para submeter o manuscrito novamente, aqui ou em outra revista. Essa troca entre especialistas e autores, feita de maneira cuidadosa e respeitosa, é, para mim, um dos pilares do trabalho editorial. É esse diálogo que realmente colabora para o fortalecimento da produção científica e para a melhoria contínua dos manuscritos.

Como sua atuação na REE tem influenciado sua prática acadêmica e sua produção científica, e quais avanços e contribuições da revista você destacaria — tanto para o fortalecimento da área quanto para o futuro da própria publicação?

A minha atuação na REE reverbera diretamente em outras dimensões da minha vida acadêmica. Estar em contato constante com novos artigos, novas formas de olhar para um objeto de pesquisa e novas abordagens metodológicas é extremamente enriquecedor. Esse movimento contínuo de atualização acaba trazendo ideias e perspectivas que influenciam tanto a produção das minhas próprias pesquisas quanto a forma como oriento os estudantes, especialmente no que diz respeito às boas práticas de investigação e de divulgação científica. Sempre que leio um manuscrito como editora, observo atentamente os pontos positivos, as inovações e também os aspectos que podem ser aprimorados. E, quando identifico esses pontos de melhoria, automaticamente faço uma

autoavaliação: cuido para que esse mesmo aspecto não apareça nem nos meus próprios artigos nem nos trabalhos dos meus orientandos.

Além disso, tem sido muito interessante acompanhar o aprimoramento da própria revista e dos seus fluxos editoriais. Vejo um esforço contínuo dos colegas editores em buscar atualizações, participar de eventos e dialogar com experiências de outros periódicos, inclusive internacionais. Esse movimento em direção às melhores práticas certamente contribui para fortalecer a revista e ampliar sua qualidade. Nos últimos anos, percebemos um avanço significativo, tanto no processo editorial quanto na ampliação do corpo de consultores. Trazer novos olhares, integrar pareceristas de diferentes regiões do país e também consultores internacionais potencializa imensamente o trabalho da REE e contribui para sua visibilidade, assim como para a difusão qualificada do conhecimento produzido na enfermagem.

Concluindo essa ideia, acredito que a revista vem avançando de maneira consistente e isso é fruto de muito trabalho coletivo. É muito gratificante ver esses resultados e poder fazer parte desse corpo de colaboradores que contribui para a consolidação de uma revista tão importante para a área e para a FEN/UFG.

Coordenação AmbPIS

Biossegurança e controle de infecções no contexto do AmbPIS

Por profa. Dra. Anaclara Ferreira Veiga Tipple



Poderia compartilhar um pouco da sua trajetória profissional e experiência na área de biossegurança e controle de infecções?

Bem, a minha proximidade com a área de prevenção e controle de infecções iniciou-se na graduação. Me formei, há 42 anos, na então Universidade Católica de Goiás, hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e já me interessava, principalmente, pela área de esterilização, desinfecção. Entretanto, creio que um marco importante ocorreu no início da minha atuação profissional, após a morte do presidente eleito, Tancredo Neves, cuja causa foi definida como infecção hospitalar.

Ele morreu em 1985 e em 1986 o Ministério da Saúde propôs um curso para a qualificação de profissionais em todo país em um currículo mínimo sobre "Controle de Infecção Hospitalar", terminologia em desuso que foi substituída por Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), justamente pelo entendimento de que a infecção pode resultar de qualquer procedimento assistencial, independentemente de onde ele é realizado, até mesmo em um Ambulatório de PIS, por exemplo. Participei desse curso que foi ministrado no HDT (Hospital de Doenças Tropicais) e posso dizer que foi um marco histórico para meu envolvimento com essa área.

Para começarmos, como podemos entender biossegurança e por que ela é tão essencial em qualquer contexto de cuidado em saúde?

Estamos tratando aqui do risco biológico, então a denominação de "medidas de prevenção e controle de infecção" é mais adequada. Obviamente elas integram as medidas de biossegurança, mas a biossegurança é mais ampla e trata dos diferentes riscos do trabalhador e da vida no planeta. No meu ponto de vista, as medidas de prevenção e controle de infecção não podem ser consideradas uma especialidade, ou uma disciplina isolada, mas um fundamento teórico para as práticas em saúde e, talvez, essa seja a grande dificuldade de sua aplicação. O que se espera é que todo profissional da área da saúde tenha uma formação que o possibilite reconhecer o risco biológico e as medidas de enfrentamento. Existe um conjunto

de medidas conhecidas como Precauções Padrão que devem ser aplicadas no atendimento a qualquer paciente, independentemente do nível de complexidade da assistência, são portanto aplicáveis às PIS. Existem ainda as precauções específicas, ou baseadas na transmissão, quando se conhece ou presume o agente causador da infecção e o meio de transmissão.

A higienização das mãos é sempre citada como a medida mais importante na prevenção de infecções. Por que essa prática, apesar de tão simples, ainda encontra desafios para ser realizada de forma correta e frequente?

Pergunta de difícil resposta. É uma medida economicamente barata, operacionalmente simples e tem uma efetividade muito grande enquanto medida de prevenção e controle de infecção, mas os estudos mostram que a adesão entre profissionais de todas as categorias na área da saúde em todo o mundo é muito baixa! Como compreender essa constatação? Pesquisadores de todo o mundo vêm tentando há décadas buscar respostas. Sabe-se que as causas são multifatoriais, a adesão é influenciada por fatores organizacionais, de infraestrutura, da formação e conhecimento do profissional e até mesmo questões individuais, como crença em saúde. Ao longo de décadas vivenciando o problema e estudando a temática, tenho a dizer que o ponto mais importante é de ordem pessoal. Veja: você pode ter uma política de gestão que favoreça a higiene de mãos, toda infraestrutura e insumos adequados, tudo disponível, mas a higienização das mãos depende da atitude do

profissional para realizá-la da forma adequada. Assim, talvez este seja o ponto mais importante, direcionar o profissional a ter a atitude de realizar a higienização de mãos, o que requer investimento na formação e qualificação.

Quais cuidados básicos devem ser observados na desinfecção de superfícies em locais de atendimento à saúde, como o Ambulatório de Práticas Integrativas em Saúde?

Com relação à questão dos cuidados com a superfícies no Ambulatório, é importante dizer que as superfícies têm assumido um papel muito importante como elo da contaminação cruzada em serviços de saúde. Funciona como um reservatório de microrganismos cuja sobrevivência é variável. No passado foi muito menos valorizada e hoje, com o desenvolvimento das técnicas moleculares, cada vez mais, se tem clareza de que as superfícies exercem um papel importante neste contexto. Especialmente as superfícies próximas ao paciente que são intensamente tocadas durante o atendimento, contaminação favorecida pela baixa adesão à higienização das mãos, como já conversamos. Pelas mãos o profissional transfere sua microbiota transitória para as superfícies, também transfere microrganismos de uma superfície para outra, para o paciente e para outros profissionais. Assim é preconizado que qualquer área de atendimento deve passar pelos dois tipos de descontaminação; concorrente e terminal. Fazendo uma aplicação para o Ambulatório de PIS, no meu ponto de vista, é adequada a descontaminação diária (limpeza

concorrente) das superfícies horizontais e, uma vez por semana, a limpeza terminal, que inclui as superfícies verticais.

Hoje temos disponíveis no mercado agentes germicidas aprovados para a descontaminação sem o uso prévio de água e sabão que pode ser aplicado quando não há presença de sangue e sujidade orgânica visíveis. No caso do álcool, sua aplicação como desinfetante requer prévia limpeza com água e sabão, mas outros produtos a base de quaternário de amônia de quarta geração podem ser utilizados sem o uso da água e seria uma ótima aplicação para o Ambulatório. Uma premissa para as superfícies de atendimento ao paciente, a maca por exemplo, é que ela deve ser individualizada para o uso naquele paciente. A descontaminação entre um atendimento e outro, é a melhor alternativa, se feita adequadamente. Na impossibilidade o uso de coberturas descartáveis deve ser rotina, pois cada paciente tem a sua microbiota transitória que será transferida para a maca e vice-versa, microrganismos ali presentes serão aderidos à pele do paciente.

Quando falamos de materiais perfurocortantes, como agulhas de acupuntura, quais medidas de biossegurança são indispensáveis?

Com relação ao descarte de perfurocortante ele deve seguir as regras de serviço de saúde. Temos uma resolução que traz as diretrizes para o Gerenciamento de Resíduos em Serviços de Saúde (RSS), Resolução 222 de 2018, que deve ser considerada no contexto das PIS. A

integração das PIS na atenção à saúde deve ser acompanhada do atendimento às questões sanitárias correspondentes. Observo que há certa resistência. Seguindo a Resolução, um Ambulatório de PIS deve elaborar seu Plano de Gerenciamento (PGRSS) que inclui a estimativa da quantidade dos RSS gerados conforme a classificação, descrever os procedimentos relacionados ao gerenciamento dos RSS quanto à geração, à segregação, ao acondicionamento, à identificação, à coleta, ao armazenamento, ao transporte, ao tratamento e à disposição final ambientalmente adequada. Quanto à classificação, mesmo que em pouca quantidade, as PIS podem gerar resíduos comuns, infectantes e perfurocortantes. No caso das agulhas, é classificada como um perfurocortante e deve ser tratada como tal, o descarte deve ser realizado em caixas específicas e identificadas como perfurocortantes que atende às normas da ABNT e sobre o qual há uma série de recomendações na referida resolução. Importante registrar que a resolução estabelece que o serviço de saúde deve indicar um profissional como Responsável Técnico pelo PGRS.

O uso de luvas é um tema muito discutido. Em quais situações dentro das práticas integrativas, como acupuntura, auriculoterapia ou até massagens, o uso de luvas é realmente necessário?

Eu não tenho conhecimento de todas as Práticas Integrativas em Saúde, mas vou tentar fazer um raciocínio da aplicação da luva a partir das suas indicações na assistência à saúde. A

luva tem duas finalidades: proteção do trabalhador de exposição a sangue ou outros fluidos corporais e proteção do paciente. Pensando no exemplo da acupuntura, podemos começar perguntando: existe possibilidade de sangramento? A resposta é sim, já aconteceu comigo. Assim, no meu ponto de vista, está indicado o uso de luvas. Não que a luva protege de perfuração, nenhuma luva faz isso, mas, caso haja um sangramento decorrente da inserção da agulha, ela impede ou minimiza a exposição do profissional. Lembrando que a higiene de mãos está indicada antes e após calçar as luvas. Na auriculoterapia, não vejo necessidade. Para massagens em pele integral, também não vejo necessidade, obviamente está indicada a higiene de mãos antes e depois de calçar as luvas. Mas pode ser necessária, vamos pensar em um paciente com edema importante de membros inferiores, com múltiplas pequenas lesões que necessita de uma massagem de drenagem. Neste caso, considero necessário o uso de luvas e elas devem ser estéreis. Lembrei também de um procedimento comum, a sangria, neste caso estão indicadas as luvas de procedimento. Enfim, é preciso um estudo da caracterização do risco biológico de forma detalhada nas PIS, se não existe, esta é uma boa questão de pesquisa que cabe aos profissionais da área o aprofundamento e resposta.

Para finalizar, como criar e fortalecer uma cultura de biossegurança entre profissionais e estudantes da área da saúde?

Vou voltar à questão anterior para a

minha resposta, a higiene de mãos, e olhando do lugar onde me encontro, como docente na área da saúde. Considero que a principal conduta é agir corretamente, proceder a higiene de mãos de forma correta em todos os momentos indicados e isso depende do conhecimento do docente. Os estudos mostram que os líderes assumem um papel de modelo, o estudante tende a prestar muito mais atenção no que o professor faz do que no que ele diz. E isso acontece nos campos de prática também, nossos alunos de enfermagem têm os enfermeiros como exemplos, este é um bom exemplo de que ensino e serviço devem caminhar juntos. Acredito que a partir de práticas corretas na assistência vamos formar uma cultura de aplicação dos princípios básicos de prevenção e controle de infecção, desde um procedimento simples até mais complexo. Obviamente isso depende de um ensino coerente e de um corpo docente comprometido com esses princípios.

Ações Integrativas em Saúde no RS: Relato de experiência do Centro de Diagnóstico e Tratamento em Medicina Tradicional Chinesa do AmbPIS no 75º CBE



Entre 23 e 27 de novembro, a coordenação do Centro de Diagnóstico e Tratamento em Medicina Tradicional Chinesa, vinculado ao ambulatório de Práticas Integrativas em Saúde (PIS) da FEN/UFG, participou do 75º Congresso Brasileiro de Enfermagem, promovido pela Associação Brasileira de Enfermagem em Porto Alegre (RS).

No evento, apresentou o trabalho “Recursos audiovisuais para promover cuidados aos afetados pelas enchentes no Rio Grande do Sul”, compartilhando a experiência de produção de vídeos que empregam técnicas de PIS para apoiar o atendimento às populações atingidas pelas enchentes. Esses materiais foram desenvolvidos em 2024 por terapeutas brasileiros e chineses do Instituto Confúcio de Medicina Chinesa da UFG.

Foram desenvolvidos cinco vídeos: o primeiro, “Mensagem de apoio às vítimas das enchentes do RS”, oferecia palavras de amparo ao povo gaúcho; o segundo, “Técnica de Tui Ná”, orientava movimentos de massagem terapêutica voltados à tosse, à insônia, ao resfriado e à dor de cabeça; o terceiro, “Técnica de Ayurveda”, apresentava recomendações para acalmar a mente e o corpo, além de melhorar o sono; o quarto, “Técnicas de Tai Chi Chuan e Ba Duan Jin”, demonstrava práticas corporais de autoaplicação; e o quinto, “Técnicas de Medicina Tradicional Chinesa”, fornecia instruções sobre o uso de ventosaterapia, acupuntura e auriculoterapia.



Minha História na FEN

#FENMemória

Ana Luiza Lima Sousa

O cuidado que atravessa gerações



Há nomes que se confundem com a própria história da Faculdade de Enfermagem da UFG e a professora Ana Luiza Lima Sousa é um deles. Egressa da quarta turma de enfermagem, a docente tem uma longa ligação com a casa. Natural de Jataí e descendente de enfermeiras, quase cinco décadas depois, tornou-se uma das vozes mais experientes da unidade, uma decana que acompanhou de perto o crescimento, os desafios e as transformações da formação em enfermagem no país.

Sua trajetória é marcada pela prática da indissociabilidade do ensino,

pesquisa, e extensão sempre no campo da saúde coletiva. Como ela mesma resume, ao olhar para sua história: “Eu não tenho como despregar quem sou hoje, professora, enfermeira, decana e pessoa, da história da FEN. Se contribuí de alguma forma para a enfermagem, para nossos alunos e para nossos pacientes, foi por causa da FEN e do que recebi aqui”

Professora, me conte um pouco mais sobre sua trajetória até chegar na profissão de enfermagem. O que lhe motivou a escolher esse curso?

Eu costumo dizer que minha história com a enfermagem começou dentro da minha própria casa. Venho de uma família de mulheres enfermeiras: minha mãe, duas tias - que eram irmãs dela e uma tia pelo lado do meu pai. Cresci vendo essas mulheres trabalhando, dedicadas e apaixonadas pelo que faziam, e isso despertou em mim um encantamento muito grande pela profissão.

Sou de Jataí, no interior de Goiás. Na minha adolescência, não havia curso superior na cidade, e o ensino médio na escola pública oferecia basicamente duas opções: contabilidade ou o curso normal, para ser professora. Nenhum dos dois me atraía. Eu sonhava em fazer cursinho e prestar vestibular, mas minha família não tinha condições financeiras para me sustentar fora de casa. Meu pai era servidor público federal e técnico em Radiologia e minha mãe era enfermeira, ambos assalariados; eu sou a terceira filha, e meus dois irmãos mais velhos já estudavam fora, em Brasília, então

seria um peso muito grande financeiramente mais um filho fora de casa.

Foi então que surgiu a oportunidade de fazer o curso técnico em enfermagem na Escola de Enfermagem Cruzeiro do Sul, em Rio Verde, para onde eu poderia ir porque meus avós moravam lá. Isso me permitiria escapar das opções que não me interessavam e, ao mesmo tempo, experimentar de verdade a enfermagem, entender se aquele encantamento da infância faria sentido na prática.

O curso técnico durava três anos. Fiz o primeiro e o segundo, e ao final do segundo ano eu já tinha convicção da minha escolha. A vivência prática no hospital foi muito forte para mim. Tive contato direto com o trabalho do enfermeiro, do médico, do nutricionista, do bioquímico, via o papel de cada um, suas responsabilidades, suas rotinas. E, ali, percebi algo que me marcou profundamente: enquanto vários profissionais da área da saúde tratam, medicam, diagnosticam, quem realmente cuida é o enfermeiro. É o que está mais presente, o que escuta, o que acompanha o paciente. E eu sempre gostei de gente, de estar com pessoas.

Perceber essa diferença dentro da prática me fez decidir: eu queria ser enfermeira porque queria cuidar. Quando concluí o curso técnico, as condições em casa já estavam um pouco melhores, e então pude me mudar para Goiânia para fazer o terceiro ano como cursinho, buscando uma base mais sólida para prestar o vestibular e seguir esse

caminho que já estava muito claro para mim.

Ana Luiza, você é uma egressa da casa, de uma das turmas pioneiras da faculdade. Como descreve aquele momento inicial e quais eram os principais desafios do curso de Enfermagem na época?

Entrei na faculdade muito jovem, em 1979, com 17 para 18 anos, então minha visão era quase a de uma adolescente. Mas gosto de dizer que eu cresci junto com a FEN. Embora eu já tivesse alguma noção da enfermagem por causa da minha mãe, que era enfermeira sanitária, e do curso técnico que cursei em parte. O contato com a profissão começou mesmo quando entrei na faculdade e pude perceber que havia ciência na arte do cuidar.

Naquele início, a estrutura era muito limitada. As aulas aconteciam no prédio antigo, dentro do hospital, e faltavam muitos recursos para a prática e mesmo para os laboratórios. Lembro que na época a FEN tinha somente um laboratório, que era de Bases. Apesar disso, havia algo muito forte que sustentava o curso: as pessoas. As professoras, todas mulheres na época, tinham uma dedicação impressionante. Mesmo com tão pouco, elas tinham uma garra enorme e foram me mostrando, no dia a dia, o que realmente significava ser enfermeira: alguém que cuida do outro, em diversos cenários e de diversas formas e que tem competência técnica desenvolvida pela aplicação da ciência.

Eu me espelhei muito nelas. Aprendi

ali, como aprendi em casa, que na construção de uma profissão o que importa de verdade são as pessoas. E, ao longo do tempo, vi a FEN crescer, ganhar prédio novo, pós-graduação, mais recursos e estrutura. Mas quando volto àquele início, o que mais me marca é isso: mesmo com tantas limitações, nós tínhamos o essencial, pessoas comprometidas, que mantinham viva a força da enfermagem. E aprendi isso ao longo do tempo: é com competência que represento e defendo minha profissão.

Professora, você possui uma longa história com a Faculdade de Enfermagem. A faculdade completou 5 décadas este ano e você esteve presente com vínculo institucional com a casa em 36 anos desse período. Quais são as recordações mais marcantes que você possui desta trajetória?

Quando penso na minha trajetória dentro da FEN, alguns marcos me vêm imediatamente à memória. Cheguei aqui em 1º de novembro de 1989 como professora auxiliar, equivalente hoje à professora substituta, trazendo comigo apenas uma especialização em Saúde Coletiva e uma grande inquietação. Eu havia trabalhado por três anos em um hospital do interior, que foi uma grande escola para a minha formação profissional prática. E, naquele momento em que ingressava na UFC, eu estava trabalhando na Secretaria de Estado da Saúde no Serviço de Dermatologia Sanitária com Reabilitação Bio-psicosocial das pessoas com Hanseníase e, na Universidade Católica de Goiás, hoje

a PUC-GO. Na época, por ser de contrato de dedicação exclusiva, eu não poderia assumir outro trabalho, mas senti que precisava estar na prática para não me tornar uma docente distante da realidade. Eu tinha medo de me tornar uma professora apenas dos livros, porque isso me incomodava profundamente. Pensava: como ensinar algo que eu não vivenciei? De repente, eu “dormi enfermeira e acordei professora”, e ouvir os alunos me chamando de “professora” me dava um verdadeiro pavor, porque eu ainda não me reconhecia assim.

Foi quando busquei um espaço dentro do Hospital das Clínicas e, nesse movimento, encontrei o professor Paulo César B. Veiga Jardim, da Faculdade de Medicina-UFG. Ele estava começando um projeto inspirado em experiências internacionais: as ligas acadêmicas. Conversamos, e eu me juntei a ele na criação da Liga de Hipertensão Arterial, que nasceu praticamente junto com a minha entrada na faculdade, ainda em novembro de 1989.

A liga se tornou um marco na minha vida. Ela completou 36 anos agora em novembro e no ano passado conquistou uma mudança muito significativa: deixou de ser apenas uma liga e se transformou em um NIPEE (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão) conforme a resolução CONSUNI 269/2024. Nossso nome passou a ser Unidade de Hipertensão Arterial, expressando melhor a nossa estatura depois de três décadas. Hoje mantemos atividades de liga

acadêmica com o envolvimento de estudantes de graduação da área da saúde da UFG, mas desenvolvemos várias outras atividades associadas com a pós-graduação, com a pesquisa e com prestação de serviços à comunidade.

Quase quatro anos depois de ter assumido como professora auxiliar, eu iniciei o mestrado em Educação Escolar Brasileira na Faculdade de Educação - UFG. O mestrado foi um divisor de águas na minha carreira, pois me mostrou que o mundo da aparência precisa ser desnudado pelo olhar do cientista para ver além do que está posto. Ali foi um segundo marco na minha carreira e minha dissertação foi transformada em um livro: A história da Extensão Universitária Brasileira, que está em sua segunda edição.

Em seguida fui para a Faculdade de Saúde Pública da USP-SP para fazer o doutorado, aí sim, já dentro de minha área de interesse que era Saúde Coletiva. Ao voltar do doutorado, ainda assumi a coordenação geral da pós-graduação da UFG por um tempo curto e logo depois fui convidada pela profa. Milca, reitora na época, para assumir a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Eu considero este um terceiro marco em minha trajetória. Essa pró-reitoria tinha sido extinta por muitos anos e foi recriada na gestão dela. Fui pró-reitora de 1999 a 2005, atravessando parte do primeiro mandato e todo o segundo, e isso foi muito marcante, não só por eu ser uma enfermeira em um cargo de gestão tão importante, mas pela quantidade de projetos e transformações das quais pude

participar.

Foi nesse período que trabalhamos, na Pró-Reitoria de Extensão em conjunto com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, a criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS), hoje um dos maiores do país na área. A minha formação no mestrado em Educação e o doutorado em Saúde Pública foram esteios importantes para que eu pudesse desenvolver minhas atividades como pró-reitora. E foi a Enfermagem que me fez trilhar por todos estes caminhos, tendo Deus estabelecido os seus propósitos na minha vida.

Ao longo dessas décadas, você acompanhou diversas transformações na formação em enfermagem. Quais mudanças mais marcaram sua trajetória como docente?

Nesse percurso, duas professoras me marcaram muito: Esther Costa Aires e Ida Kurok. Elas tinham uma visão clara sobre coletividade, integralidade e promoção da saúde, muito antes desses temas se tornarem amplamente discutidos em todas as áreas da saúde. E foi observando trajetórias como a delas que percebi o quanto a enfermagem sempre teve um protagonismo histórico na prevenção e no cuidado ampliado.

Se olharmos para o Programa Nacional de Imunização, para as vigilâncias epidemiológica, sanitária e ambiental, encontramos enfermeiros liderando processos fundamentais. Em Goiás, temos várias profissionais da enfermagem que são destaque

por sua competência, em diversas áreas, mostrando a força da categoria em espaços estratégicos. Essas presenças evidenciam uma transformação importante: a confirmação de que o cuidar começa muito antes do adoecimento e de que a enfermagem sempre foi uma voz pioneira nessa compreensão.

Minha ligação com a Saúde Coletiva e com a Epidemiologia também moldou profundamente minha prática pedagógica e minha relação com os estudantes da FEN. Eu costumo brincar que tenho “manias de epidemiologista”: onde quer que eu esteja, observo o contexto, as pessoas, os riscos, os comportamentos. Esse modo de enxergar o mundo sempre orientou meu trabalho, dentro e fora da sala de aula. Passei por várias disciplinas — da clínica às doenças transmissíveis — até chegar à vigilância em saúde e às práticas de saúde coletiva, onde permaneci por mais tempo. Na pós-graduação, a epidemiologia sempre foi meu foco.

E nesse percurso, comprehendi que o olhar epidemiológico é transversal: ele atravessa toda a formação do enfermeiro. Um profissional que não reconhece essa dimensão trabalha com uma lacuna importante. Até mesmo o diagnóstico de enfermagem exige essa compreensão, essa precisão e essa capacidade de analisar o contexto. Na pós-graduação isso aparece ainda com mais força: profissionais que não tiveram epidemiologia ou saúde coletiva na graduação chegam com dificuldades grandes, inclusive para compreender o

método científico.

Por isso, para mim, epidemiologia e saúde coletiva não são apenas conteúdos: são fundamentos da formação em enfermagem. Sem esse olhar, não é possível compreender o processo saúde-doença em sua complexidade e nem formar profissionais capazes de atuar de forma crítica, integrada e transformadora.

Agora à frente da Unidade de Hipertensão Arterial (NIPEE), quais são suas expectativas para o fortalecimento das ações de pesquisa e extensão, e como a senhora enxerga o envolvimento dos estudantes nesses processos?

A nossa Unidade de Hipertensão Arterial tem uma gestão coletiva, que é o modelo da universidade. Temos sempre nos perguntado sobre o propósito da existência da UHA e sobre para onde queremos ir pelos próximos 30 anos. Nossa propósito, desde a criação, não mudou que é oferecer um modelo de cuidado para pessoas com hipertensão que garanta diagnóstico preciso, tratamento eficaz, alcance de metas pressóricas e, com isso, mais qualidade e longevidade. No nosso Ambulatório oferecemos assistência multiprofissional com consultas de enfermagem, médicas e de nutrição. Esse é um cenário de prática para nossos estudantes de enfermagem durante todo o ano, seja da graduação ou pós-graduação ou educação continuada.

Hoje, funcionamos integrando ensino, pesquisa e extensão. No ambulatório, recebemos residentes

do SUS, acompanhados por alunos de pós-graduação que atuam como preceptores, e contamos com uma equipe multiprofissional de enfermagem, medicina e nutrição. Aqui desenvolvemos consultas, atendimentos e avaliação clínica dentro de fluxos validados. Além disso, mantemos uma estrutura forte de pesquisa: laboratórios dedicados à medida da pressão arterial, à rigidez vascular e à avaliação da pressão intracraniana, essa última em parceria com a Brain4Care, inclusive, recentemente, uma doutoranda levou a tecnologia para implantação na Colômbia, dentro de um acordo de cooperação firmado com uma universidade de lá.

Fazemos pesquisas com indústria desde os anos 1990, e a partir de 2019 também com parceiros do PROAD-SUS, como a Sociedade Israelita Albert Einstein, Beneficência Portuguesa, Sírio Libanesa, INCOR, e isso permitiu a participação em estudos clínicos de longa duração. Os recursos dessas parcerias são integralmente reinvestidos na própria unidade, sem onerar SUS ou UFG, permitindo melhoria contínua da nossa estrutura.

Pensando no futuro e no período em que ainda estarei à frente da coordenação, uma prioridade é ampliar a participação de docentes da Enfermagem. Hoje contamos com nomes como Valéria Pagotto, Cynthia Assis e Karina Suzuki, mas é fundamental trazer mais professores, porque é o professor quem traz o estudante. Estamos discutindo como ampliar a presença de estudantes de forma mais prolongada para que tenham a

integração nas diversas atividades da Unidade de Hipertensão Arterial e não só no Ambulatório. Sem a presença docente no ambulatório, perde-se a essência da consulta de enfermagem.

Estamos também ampliando o projeto de extensão no município de Santo Antônio de Goiás, como parte do fortalecimento das ações de extensão e pesquisas epidemiológicas. E tem ainda a Escola de Extensão em Saúde que passou a apresentar catálogo semestral de cursos, buscando atender à necessidade de capacitações de curta duração de nossos estudantes e de outras instituições.

Toda a UHA-UFG tem suas portas abertas para o nosso aluno de enfermagem, independentemente do seu período no curso. Temos um programa de estágio voluntário extra-curricular que pode atender àqueles que têm interesse em conhecer um pouco dessas possibilidades.

Você Sabia?

#OrgulhoFEN

Consciência Negra e Saúde

Professora Dra. Lucimeire Fermino Lemos destaca que fortalecer a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra é urgente



O Dia da Consciência Negra, celebrado no dia 20 de Novembro, reforça a necessidade de enfrentar desigualdades raciais que impactam diretamente a saúde da população negra no Brasil. A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), criada em 2009, é fundamental, mas ainda pouco efetivada.

A professora Dra. Lucimeire Fermino Lemos destaca que os indicadores evidenciam essas desigualdades: "A cada ano vemos que a precocidade dos óbitos, as altas taxas de mortalidade materna e infantil e a maior prevalência de doenças

crônicas ainda ocorrem principalmente na população negra." Para ela, o racismo estrutural segue sendo o maior obstáculo para garantir equidade no SUS.

Essas desigualdades se manifestam nas condições sociais e na discriminação nos atendimentos. Dados do IBGE mostram que 63,6% das demandas de saúde não atendidas no país são de pessoas pretas e pardas.

Na linha de frente, a enfermagem tem papel estratégico ao reconhecer o racismo como determinante social e orientar práticas sensíveis às vulnerabilidades da população negra. Lucimeire também destaca a importância de integrar essa perspectiva na formação em saúde, especialmente no novo PPC da Enfermagem da UFG, para qualificar profissionais comprometidos com a equidade racial.

[Confira aqui a entrevista completa.](#)

Entre gerações, mulheres Kalunga reafirmam a força da educação e da saúde como instrumentos de resistência

Projeto Saúde Quilombola Cuidar para Resistir entrevista a anciã, Dona Procópia, e sua neta, Bia Kalunga

#OrgulhoFEN



A memória, a luta e a esperança caminham juntas entre as gerações de mulheres Kalunga. Em uma conversa carregada de emoção e sabedoria, integrantes do projeto Saúde Quilombola Cuidar para Resistir entrevistaram Dona Procópia, matriarca quilombola e Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual de Goiás, e sua neta Bia Kalunga, professora, liderança comunitária e pesquisadora quilombola. O encontro ocorreu em setembro de 2025, no território Kalunga, na região de Monte Alegre de Goiás, e foi um retrato vivo da continuidade de uma luta que atravessa o tempo e reafirma o poder transformador da educação e da saúde.

Sorridente e atenta, Dona Procópia aos 92 anos se apresentou com firmeza: "Me chamo Procópia dos Santos Rosa." Nascida e criada na comunidade do Riachão, ela carrega na memória as histórias de um tempo em que o acesso à saúde e à educação era praticamente inexistente. O encontro entre os integrantes do projeto e as mulheres Kalunga mostrou, mais uma vez, que a pesquisa científica e as políticas públicas só fazem sentido quando se constroem a partir do diálogo e do respeito à história das pessoas.

Ao final da conversa, a emoção tomou conta da equipe. Entre gerações, as histórias de Dona Procópia e Bia Kalunga revelam o poder da ancestralidade e da educação como sementes de resistência. O que começou com as mãos da avó, hoje floresce na sala de

aula e nas universidades, mostrando que a luta das mulheres quilombolas é, sobretudo, uma luta pela vida, pelo território e pela permanência da esperança.

[Confira aqui a entrevista completa.](#)



#OrgulhoFEN

Docentes da FEN são eleitas para cargos de destaque na ABEn Goiás

Nova gestão foi empossada em cerimônia aberta à comunidade



O ano de 2025 tem sido de celebração para a Faculdade de Enfermagem, e o encerramento do ciclo traz mais um motivo para comemorar: no dia 5 de dezembro, a

nova gestão da ABEn-GO foi empossada no auditório FEN/Fanut, aberta à comunidade. Duas professoras da unidade assumiram cargos estratégicos: Maria Márcia Bachion, eleita presidente, e Cynthia Assis de Barros Nunes, como diretora de publicações.

Maria Márcia destaca a responsabilidade de liderar uma instituição prestes a completar 100 anos e ressalta o compromisso de representar a FEN e corresponder às expectativas da categoria. Já Cynthia, em sua primeira participação na gestão, vê na diretoria de publicações a oportunidade de aproximar a produção acadêmica das instituições de ensino da ABEn, integrando sua experiência com os interesses da enfermagem goiana.

A FEN mantém histórico de colaboração com a entidade, com a participação de diversas docentes em gestões anteriores e atuais, fortalecendo a relação entre as instituições. Cynthia reforça o potencial de novas parcerias para ampliar produções relevantes à categoria.

Sobre o futuro, Maria Márcia pontua que assumir a presidência reafirma valores como educação de qualidade, trabalho digno e consolidação da ciência em enfermagem, destacando o impacto social da atuação na ABEn. Cynthia também se mostra otimista, vislumbrando um período de aprendizado, engajamento e fortalecimento da Enfermagem no estado.

[Saiba mais aqui.](#)

FEN esteve presente no 12º Prêmio Profissional Destaque da Enfermagem

Evento, promovido pelo Coren-GO, destaca profissionais por sua excelência, ética e dedicação ao cuidado com a saúde da população goiana



Na noite de 31 de outubro, a FEN marcou presença no 12º Prêmio Profissional Destaque da Enfermagem, promovido pelo [@corengoficial](https://www.instagram.com/corengoficial) durante a celebração dos 50 anos da instituição. O evento homenageou 30 profissionais pela excelência, ética e contribuição ao cuidado em saúde em Goiás, entre eles a professora Dra. Silvana de Lima Vieira dos Santos. 🎉

O prêmio reconhece trabalhadores indicados por responsáveis técnicos, coordenadores e diretores de unidades de saúde e instituições de ensino, destacando a representatividade dos mais de 90 mil profissionais da enfermagem inscritos no estado. Em seu depoimento, Silvana destacou a

emoção e a importância do reconhecimento para sua trajetória e para o avanço da enfermagem.

Também foram homenageadas pela liderança na categoria 10 profissionais, incluindo as docentes da FEN Dra. Camila Caixeta, diretora da unidade e vice-reitora eleita da UFG, e Dra. Jacqueline Leão, diretora-geral do SAMU Goiânia. Ambas ressaltaram o caráter coletivo da conquista e a responsabilidade de representar a profissão.

O processo de seleção considerou critérios como regularidade profissional, segurança do paciente, prática baseada em evidências, liderança, trabalho em equipe e, para docentes, compromisso com a formação, produção científica e metodologias ativas. Segundo o conselheiro-secretário Weverton Teodoro de Jesus, a premiação reforça a motivação dos profissionais e a importância da enfermagem para a saúde, a ciência e a sociedade.

[Saiba mais aqui.](#)

#FENPresente

FEN marca presença em conferência internacional na Cidade do México

Evento realizado a cada 2 anos reúne Escolas e Faculdades de Enfermagem da América Latina, Caribe e Ibero-América associadas à ALADEFE

A Faculdade de Enfermagem da UFG marcou presença na XVIII Conferência Ibero-Americana de Educação em Enfermagem,

realizada entre 10 e 14 de novembro na Cidade do México. O evento bienal da [@aladefeficial](#) reúne escolas de enfermagem da América Latina, Caribe e países ibéricos, promovendo intercâmbio de experiências, parcerias institucionais e fortalecimento da cooperação internacional. A participação da FEN foi viabilizada pela [@funapeufg](#) e pela [@fapegoias](#) e incluiu representantes da comunidade acadêmica.



Durante a conferência, a diretora profa. Camila Caixeta destacou a assinatura de novas parcerias de pesquisa, publicações e bancas com países como Peru, Chile, México e Uruguai, reforçando a presença da FEN nas discussões regionais sobre ensino e pós-graduação. As representantes apresentaram mais de dez trabalhos científicos e participaram de reuniões de redes de pesquisa, encontros com gestores de escolas e articulações de programas de pós-graduação. A direção também apresentou a liderança da FEN na pesquisa sobre normativas e diretrizes da educação em enfermagem na América Latina e Caribe, desenvolvida em parceria com a [@abengoias](#) e a ALADEFE.

#FiqueLiagdo(a)

Avalie a comunicação da Faculdade de Enfermagem

A Faculdade de Enfermagem incentiva a participação na pesquisa de avaliação das atividades de comunicação da unidade.

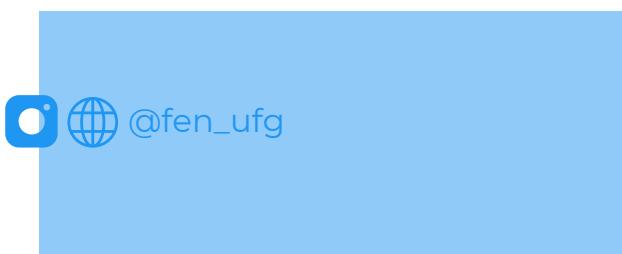


A iniciativa, desenvolvida pela Comissão de Comunicação da FEN, tem como objetivo compreender como nossos públicos percebem e utilizam os canais institucionais, identificando pontos fortes, necessidades de melhoria e oportunidades para tornar nossos processos comunicacionais ainda mais eficientes.

Sua participação é essencial para construirmos uma comunicação mais transparente, acessível, estratégica e alinhada às demandas da comunidade acadêmica. Cada resposta contribui para aprimorar a forma como compartilhamos informações, divulgamos ações e fortalecemos o vínculo entre a FEN e aqueles que constroem nossa história diariamente.

Reserve alguns minutos para responder ao formulário e faça parte desse movimento de melhoria contínua. A FEN agradece sua colaboração e compromisso!

[Acesse aqui a pesquisa.](#)



Aniversariantes do mês

#OrgulhoFEN

Novembro

02/11 Professora Jacqueline Lima



16/11 Professora Nathália Silva



11/11 Professor Hélio Galdino



19/11 Enfermeira Iana Mundim



14/11 Professora Regiane Barreto



27/11 Professora Leonora Pacheco



Equipe Editorial:
Eduardo Almeida
Jayme Leno

Comissão de Comunicação da
Faculdade de Enfermagem da
Universidade Federal de Goiás

(62) 99656-7033
comunica.fen@ufg.br

